

LEONENCIO NOSSA

Mata!

O Major Curió e as guerrilhas no Araguaia



Copyright © 2012 by Leonencio Nossa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Nunes

Imagen de capa

Recorte de fotografia do Major Curió, manhã de 23 de outubro de 1973, horas antes do combate com a guerrilheira Sônia. Reproduzida por Celso Júnior.

Pesquisa iconográfica

Leonencio Nossa

Preparação

Márcia Copola

Checagem

Dayse Tavares Barreto

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Luciana Baraldi

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nossa, Leonencio

Mata!: o Major Curió e as guerrilhas no Araguaia / Leonencio Nossa.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2111-3

1. Ditadura - Brasil - História 2. Guerrilhas - Araguaia, Rio, Região - História 3. Militarismo - Brasil 4. Moura, Sebastião Curió Rodrigues de, 5. Reportagens investigativas 1. Título.

12-05161

CDD-070.449320981063

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Major Curió e as guerrilhas no Araguaia : Jornalismo investigativo 070.449320981063

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

MATA!	9
APÊNDICE	395
Lista de siglas	397
Fases dos combates à guerrilha no Araguaia	399
Trechos da III Convenção de Genebra	401
Os “formigas” e os ciclos econômicos no Bico do Papagaio e em outras fronteiras econômicas da Amazônia	406
Organograma dos comandantes da repressão no Araguaia	410
Lista de guerrilheiros e militares	411
Fontes de consulta	421
Índice onomástico	429

1.

CASTANHEIRA

A última castanheira num raio de cinquenta quilômetros ameaçava tombar nas noites de ventania. A árvore de tronco retilíneo, com quarenta metros de altura, resistia num pasto da margem esquerda da estrada para o garimpo de Serra Pelada, sul do Pará, a quinhentos quilômetros da foz do rio Amazonas. Não parecia frágil: eram necessários cinco homens para fazer uma roda em volta dela, com braços esticados e mãos dadas. A árvore sobrevivera à destruição da floresta, mas havia perdido a proteção de outras espécies altas e o equilíbrio do emaranhado de cipós, consumidos pelo fogo. Fazia tempo que seus galhos concentrados na copa não carregavam de ouriços — os cocos que protegem os frutos. Os brotos e as flores das parasitas e os ninhos de araras e papagaios — abrigos de insetos polinizadores — tinham sido arrancados por mateiros e caçadores. Pombos doentes e pardais ocupavam suas fendas.

Muitas castanheiras foram derrubadas neste pedaço da Amazônia para a abertura de fazendas e do povoado fundado pelas mulheres da vida expulsas de Serra Pelada por Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió, em 1980. Depois de retirá-las do garimpo a pretexto de manter a ordem, o agente recebeu comunicado do regime militar dizendo para afastá-las ainda mais e incendiar

as cabanas e barracos erguidos numa clareira da mata, a 35 quilômetros da mina e a cinquenta do projeto de exploração de minério de ferro da Companhia Vale do Rio Doce, na serra dos Carajás.

Curió desceu de helicóptero no curral de uma fazenda perto do povoado, para iniciar o processo de destruição das barracas. Com seus meninos de colo e outros maiorzinhos, as damas cercaram o aparelho. Mulheres e crianças gritavam o nome do agente, numa surpreendente estratégia para demovê-lo da missão. Ele ficou sabendo que o lugar tinha sido batizado em sua homenagem, e descumpriu a ordem do governo. Era o nascimento de Curionópolis, vilarejo a noventa quilômetros de Marabá, maior cidade da região.

As mulheres tinham montado cabarés de bambu cobertos de palha perto de uma “solta” — pastagem escolhida pelos vaqueiros para o descanso do gado em longas viagens. De vestido longo ou saia curta, carregando malas e sacolas plásticas, elas suportaram o sol na beira da estrada de terra que cortava a mata, a PA-275, no trecho do quilômetro 31. Sebastiana Claudino, a Bastiana, a primeira delas a chegar, gastou os trocados que trouxera do cabaré de Marabá na limpeza de um lote. Contratou homens para derrubar samaúmas e castanheiras. Retirou a vegetação rasteira, pôs fogo no mato seco, varreu a terra sem capim e escorou uma folha de palmeira em outra para dar início à construção de uma cabana. Abriu as malas, tirou canecas, pratos esmaltados, miçangas, perfumes da Avon, buchas para banho, medalhas de Nossa Senhora e folhinha do Sagrado Coração de Jesus.

Surgiam casas de bambu, de lonas oferecidas pelos caminhoneiros nos programas rápidos, de papelão, folhas de coqueiro e ripas de caixotes de tomate. Só pequenas fogueiras no fim da tarde espantavam o mosquito da malária e os insetos peçonhentos. O fogo servia também para afastar cobras e escorpiões. Na margem direita da estrada, no sentido de quem sai de Marabá, as mulheres puseram lampiões a gás e lamparinas a querosene na frente das barracas, sobre os banquinhos do lado de fora ou de dentro. Rádios a pilha e aparelhos de som tocavam Roberto Carlos e Gilliard.

Limpa a terra, os fregueses das mulheres perceberam fagulhas de ouro no chão e nos riachos que serpenteavam pelo vilarejo. Os garimpeiros fiscaram ali mesmo, e surgiram, entre uma cabana e outra e um suspiro e outro, os garimpinhos do Trinta, do Corisco, do Mamão, da Onça. O povoado das mulhe-

res, dividido por córregos e buracos de garimpagem, era um labirinto de becos e pinguelas no clarão da mata.

Nos fins de semana, os homens desciam a serra para se divertir nas boates Caiara, Inferninho, Copacabana, Pepita de Ouro, Hollywood, Branca de Neve, Forró da Mariona, Forró do Duro e Forró do Ponto Certo.

Muitos pensaram que uma guerra iria acontecer quando as mulheres legítimas de garimpeiros começaram a chegar à vila, então já com alguma infraestrutura. Elas tinham se cansado de esperar os maridos e a fortuna prometida por eles, e apareceram no povoado de Bastiana. Ao contrário do que se imaginava, essas mulheres ergueram barracos afastados da zona das raparigas, na altura do quilômetro 30 — os cabarés estavam na parte alta, no 31 —, e passaram a ter uma relação pacífica com as damas. As casadas ajudavam as mulheres dos “forrós” a dar à luz os primeiros curionopolenses. A elas se juntaram sendeiras — as descasadas que não viviam em boates. Damas, casadas e sendeiras estariam unidas, mais tarde, na primeira revolução enfrentada por Curionópolis, quando uma legião de garimpeiros se insurgiu contra a decisão do governo de fechar a mina e desceu a Serra Pelada disposta a destruir escolinhas e casas. A cidade das mulheres resistiu.

O comércio do vilarejo era regido pelo sistema das chaves — a mulher entregava ao cliente a chave de um quartinho e algumas horas de prazer. As pequenas balanças de pesar o ouro dos machos ficavam amarradas nas portas.

A ordem só existia dentro do garimpo. O povoado das raparigas, a Vila do Trinta, referência ao quilômetro onde se situava na rodovia, era o destino de garimpeiros de Serra Pelada que queriam se divertir ou brigar.

De dia é o Trinta

De noite é o 38.

Homens abriram poços de água. Meia dúzia de poços bastava para as centenas de barracos e cabanas. A água turva era filtrada em sacos de pano utilizados para carregar açúcar. Soltaram pombos trazidos em caixotes de transportar tomate, plantaram abacateiros, pés de fruta-pão e mangueiras.

Duas serrarias foram instaladas por Osmar Ribeiro e Ataídes Rezende.

Outras oito funcionavam em Eldorado do Carajás, vila próxima também surgida no auge do ouro. As serrarias aceleraram a derrubada das castanheiras, e de ipês, baracatiaias, amarelões e mognos, árvores altas usadas pelos xexéus para fazer ninhos. As castanheiras caíam antes de seus ouriços com amêndoas se desprenderem dos galhos. Com elas, desapareciam a fonte de proteína dos posseiros, as folhas que aliviavam a dor de fígado, o leite que amenizava as doenças das crianças raquíticas, o óleo santo para homens atacados por males desconhecidos. As serrarias não pouparam os jatobás, que alimentaram as tropas brasileiras na Guerra do Paraguai, nem os centenários pés de axixá, cuja madeira não tem valor comercial mas são tão altos quanto as castanheiras.

O povoado avançava. Com o dinheiro dos primeiros fregueses, as mulheres compraram tábuas de castanheira para montar suas casas. Quem tinha dificuldade de juntar dinheiro, sobrevivia nas cabanas de paredes e cobertura de folhas de babaçu.

Os Correios deslocaram carteiros para fazer a entrega das cartas do Maranhão. Isso exigiu que as ruas recebessem nomes e as casas, números. As ruas paralelas à rodovia foram batizadas com nomes de estados e as perpendiculares, com nomes de frutos e árvores. Era o início da queda da produção de ouro. A cidade ainda se expandia. Surgiam os bairros Setor Planalto, cujas ruas têm por nome datas históricas, e o Jardim Panorama e suas ruas com nomes de cidades.

CURIÓ

Em 2000 e 2004, Curió venceu as eleições para prefeito da cidade batizada em sua homenagem. Curionópolis virou o último quinhão comandado por um homem da ditadura militar. Ele dirigiu a prefeitura com mão de ferro, como se tentasse prolongar num pequeno território um regime que não existia mais no restante do Brasil, um regime que era mais um capítulo de uma guerra travada, desde a Independência, em 1822, pelo controle das armas do país. Após a decisão de d. Pedro I de extinguir as milícias de ordenanças que tinham combatido os portugueses, homens iniciaram uma guerra que iria durar 155 anos, quase chegando ao século XXI, pela posse do arsenal e pelo comando das tropas da nação. O Exército, subordinado ao Ministério da Guerra, e a Guarda Nacional, força do Ministério da Justiça formada por fazendeiros, disputaram

o controle militar do país. Depois da Guerra do Paraguai, o Exército sob a liderança do duque de Caxias absorveu a Guarda Nacional, aproveitando parte de seus combatentes e expurgando outros. O Exército não conseguiu, porém, acabar com a guerra das armas. O conflito se transferiu para dentro da instituição. Nas décadas seguintes, com a velhice e a morte de Caxias, militares disputaram entre si o comando das armas. Em sucessivas quedas de braço, eles se dividiram em facções, partidos e ideologias. Uns apoiaram o Império até o fim, outros lutaram pela República. Nas primeiras décadas do século XX, uns estavam do lado legalista, outros se rebelaram em intermináveis motins nos quartéis. O movimento comunista, surgido nesse mesmo período, abrigou rebeldes de dentro das Forças Armadas e propagou como nova a velha guerra das armas. Os expulsos das escolas militares pela ditadura de Getúlio Vargas, que centralizou o comando das Forças Armadas, organizaram guerrilhas para o campo e as cidades. A Guerra Fria, após a Segunda Guerra, só pôs mais fogo na disputa centenária. A guerra das armas foi confundida nos tempos recentes com uma briga de comunistas e fascistas ou stalinistas e generais. Era a mesma guerra de monarquistas e republicanos, jacobinos e positivistas e ex-tenentistas e ex-tenentistas.

No tempo em que Curió era prefeito, comecei a procurá-lo para falar da Guerrilha do Araguaia, uma das batalhas da guerra das armas ocorrida no entorno de Marabá. O chefe da guerrilha foi Maurício Grabois, fundador do PCDOB, um dos expulsos da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, nos anos 1930, que engrossaram as fileiras da oposição à ditadura.

Numa rara entrevista, pouco antes de morrer, quando reclamava da fama de assassino e torturador, o ex-presidente Emílio Garrastazu Médici ouviu de um assessor que o Major Curió pretendia escrever um livro sobre a guerrilha na Amazônia. O general comentou que o agente sabia de “muita coisa” e mudou de assunto. A partir daí, Curió, um dos cem homens da política de extermínio de seu governo, tornou-se a cara do Exército nas terras onde a confluência dos rios Araguaia e Tocantins lembra o desenho de um bico de pássaro. Ele foi hábil na missão de protagonista, emergindo da legião de anônimos, despertando o interesse de duas gerações de jornalistas e pesquisadores.

A promessa de Curió de publicar um livro tinha mais de três décadas

quando, certa noite, ele me telefonou, pela primeira vez em anos de contatos frustrados, para dizer que desistira da ideia e abriria seu lendário arquivo — o único que se conhece sobre fuzilamento de presos políticos na ditadura militar. No ofício de repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, eu havia reunido centenas de relatos dos combates e milhares de documentos. Ele deve ter percebido que um livro com apenas uma versão era monólogo, guerra sem adversários, ou avaliou que precisava participar de uma narrativa que, aliada ao tempo, ganharia força.

Quase dez anos antes de receber esse telefonema, viajei pela primeira vez para Curionópolis. De Marabá até lá, fui num ônibus que partiu lotado de homens sem trabalho fixo desde o fechamento do garimpo. Com a exceção de uma juíza federal, Solange Salgado, que tentava abrir os arquivos oficiais, nenhuma outra autoridade em Brasília tinha interesse pela guerrilha.

Com os faróis dos carros que vinham na direção contrária e o movimento de cabeças e braços à frente, se percebia a poeira no facho luminoso, nas roupas rasgadas, nas poltronas e nos vidros. Notei que estávamos em Eldorado do Carajás, meio do caminho, quando o tráfego na PA-150 foi interrompido. Uma multidão invadira a pista para olhar o corpo de um jovem no asfalto. Era crime de vingança. Foi morto com a mesma faca que havia matado o irmão de seu assassino.

Mais adiante, na margem direita de um trecho da rodovia conhecido como Curva do S, grupos de direitos humanos tinham fincado uma cruz para lembrar o massacre de dezenove militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, em 1996, pela Polícia Militar do Pará.

O ônibus deixou Eldorado e entrou na PA-275. Duas horas depois de Marabá, o motorista avisou que havíamos chegado a Curionópolis, espalhada nas duas margens da rodovia. A cidade escura não lembrava o auge do ouro — aquelas imagens de casinhas iluminadas, repletas de gente.

Os meus passos e os latidos de cães que me acompanhavam à distância acordaram um homem de chapéu, estirado na carroceria de uma camionete. Ele saltou rápido. Armado, perguntou o que eu procurava. Apontou com a arma para uma casa. Uma senhora idosa abriu a porta, como se tivéssemos combinado. Sem nada dizer, de cara fechada, mostrou um quarto para alugar. Agradeci e fui embora, pelos fundos.

Encontrei um dormitório de garimpeiros que virou hotel “peoneiro”, fre-

quentado por quem busca emprego nas fazendas — nordestinos se alojam nesses hotéis à espera do “gato”, que pagará as despesas de estadia, deixando o estabelecimento na condição de escravos. Foram libertos nas fazendas próximas, recentemente, 49 “formigas”, como passaram a ser conhecidos os migrantes maranhenses quando o mundo os viu entrando e saindo do buraco da Babilônia, na Serra Pelada, com sacos nas costas, num movimento ordeiro e contínuo, só interrompido pelas avalanches de terra. Cavava-se a terra para achar ouro ou enterrar amigos sem nome. O termo “formiga”, que parece uma forma de diminuir o homem nômade, expõe traços de persistência e sugere o êxodo de um povo pelo Norte, do leste para o oeste, rumo à fronteira econômica, desde as correrias provocadas pelas bandeiras.

Passei a noite num quarto sem janelas. Um barbante mantinha a porta fechada. Atrás dela, o aviso de que o hotel não se responsabilizava por armas deixadas no quarto. Deitei na cama com os pés encostados na porta.

Com 1m68 de altura, cabelos tingidos de dourado, relógio de ouro e calça branca, Curió andava a passos lentos pelas ruas empoeiradas. Ele não era mais imperador da Amazônia, título do tempo em que vistoriava o garimpo sem pôr os pés no chão. No cargo de prefeito, ainda benzia cabeças de crianças e idosos. Era chamado de Velho por quem o carregara nos ombros ou pelos opositores que tinham surgido. Foi cassado seis meses antes de terminar o segundo mandato, acusado de compra de votos e abuso do poder econômico. Era o início dos “tempos estranhos”, como escreveu numa carta à Justiça.

Aqui, ele mandou na lábia e com pistola na cintura. Só aceitava conversar sobre a guerrilha num banco da praça Curió, rodeado de aliados e seguranças, que ficavam em pé e de braços cruzados. Descruzavam para aplaudí-lo nas respostas ríspidas. Cerca de cinquenta pessoas se aglomeravam. Ele escolhia o banco perto do som que tocava *melody*, um ritmo regional, para inviabilizar a “prova” da gravação. Terminava de falar quando aumentavam o volume. Eu tinha a impressão de que era algo combinado. Ele lamentava o barulho e ia embora com os simpatizantes. É do tipo que a gente só escuta.

Nos últimos anos, passou a responder por escrito às perguntas, com anotações nas minhas cadernetas. Depois de mostrar a resposta, arrancava a folha rascunhada, dobrava e colocava no bolso. Assim, deu detalhes do fuzilamento

dos guerrilheiros *Raul, Simão, Lauro e Carretel*: “Não viram quando disparamos as armas”.

Por fim, tive acesso ao arquivo de Curió. Informações de relatórios e mapas guardados por ele estão neste livro, que se baseia também em depoimentos e documentos de civis e de outros militares sobre a repressão a 98 guerrilheiros — 41 foram fuzilados e outros dezoito, mortos em combates que mobilizaram, em três momentos, mais de 3 mil homens das Forças Armadas e das polícias Federal, Rodoviária, Civil e Militar, de 1972 a 1974. Há registros de seis agentes mortos.

O prefeito começou a abrir o jogo no dia em que apareci na cidade com filmes de guerra. Ele permitiu minha entrada na casa pintada ora de verde ora de amarelo que ficava na rua Maranhão. Era uma residência simples e bem vigiada, cercada por um muro de dois metros de altura, a dezesseis quilômetros da castanheira sobrevivente.

Curionópolis, noite de novembro

Seria precipitado iniciar a sessão com *Apocalypse now*, a história de Walter E. Kurtz, oficial do exército norte-americano que enlouquece, vira mito entre nativos do Camboja e finca cabeças de inimigos em estacas. Antes de exibir o filme dirigido por Francis Ford Coppola, coloco no DVD *Nascido para matar*, de Stanley Kubrick, sobre um instrutor anticomunista. O prefeito Sebastião Curió diz que a tropa não é especial e ironiza a presença de um aluno obeso. Ao assistir a *Platoon*, de Oliver Stone, comenta as roupas “inadequadas” dos personagens, o “excesso” de homens nas patrulhas, o peso das armas e o tamanho das casamatas — esconderijos camuflados na floresta.

Agora, sim, retiro da mochila o filme sobre Kurtz. Logo nas primeiras cenas, Curió percebe que esconde em seu baú uma história que é vendida, há tempo, nas prateleiras de filmes das lojas de departamento. Demonstra surpresa com as semelhanças entre o livro que diz escrever sobre a sua atuação e a do Exército na Amazônia, quase quatro décadas atrás, e a história de Kurtz.

Cenas parecidas de barbárie e horror na tela e na memória lançam-no num abismo. Curió contaria, tempos depois, que nunca mais tinha conseguido tirar da cabeça o momento em que o oficial interpretado por Marlon Brando — versão do negociante de marfim Kurtz, da novela *Coração das trevas*, de

Conrad, passada no Congo — é morto por um jovem capitão a mando da cúpula do exército norte-americano.

Nas obras de ficção, a selva permanece inalterada até o capítulo final. Ao contrário do que ocorre na literatura e no cinema, o personagem da história brasileira viu o fim da mata onde eliminou adversários e domina nativos. Curió estava ainda no auge do poder quando o fogo devastou os campos fechados e abertos e seguiu rumo ao oeste na velocidade de um barco a motor que sobe um rio sinuoso.

O tronco da castanheira sobrevivente de Curionópolis estava enegrecido, marca de sucessivas queimadas.

O filme apresenta uma mata luxuriante que não existe mais nesta parte da Amazônia, tomada por homens e pelas boiadas que iniciaram uma caminhada, ainda no século XVI, no litoral baiano, animais trazidos possivelmente pelo primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, rumo às terras de Sergipe, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Em seu rastro foram criadas vilas, duzentos anos depois, no Ceará e no Piauí, e os homens e seus bois afinal atingiram o sul do Maranhão, no começo do século XIX, e mais recentemente o Pará.

Aqui, a cinza dos mognos, louros e castanheiras aduba a braquiária, as mudas de palmeiras raquíticas e os arbustos retorcidos que brotam na terra, em meio à fumaça e ao odor da queimada. Na tela, árvores gigantes abrigam mundos de musgos e fungos; cipoais se espalham e ligam troncos de espessuras diferentes, tornando tudo um único ser; rios barrentos transbordam num labirinto de águas; o sol ultrapassa a galharia das copas, atinge a folhagem raspeira, cria tonalidades de verde e ilumina pequenas espécies, sempre esguias no rumo da luz; águas invadem a terra; as plantas invadem a água; há um vermelho-fogo no horizonte.

Helicópteros incendeiam aldeias. Na poltrona, Curió quase não pisca. O semblante é tranquilo. Ele quebra o silêncio:

— Uma guerra inglória.

Na tela aparece a foto do coronel Kurtz na juventude.

O capitão Benjamin L. Willard, interpretado por Martin Sheen, recebe a missão de matá-lo.

“O que você diz quando os assassinos acusam os assassinos?”, pergunta o narrador do filme.

Curió diz:

— Se o capitão não aceitasse, era apagado.

Pergunto sobre o dia a dia na mata.

— O soldado deve se orientar pela sigla “esaon”, estacione, observe e navegue. Você tem que seguir o comportamento de um animal. Só deve beber água onde o porco-do-mato bebeu, usar a trilha dele e comer fruta da árvore em que comeu. É preciso agilidade e cautela. É normal ser ferido e não sentir. A adrenalina sobe quando tudo se acalma. Aí vem a reação do corpo, as pernas tremem. O homem que diz não ter medo é mentiroso, o que domina o medo é normal e o que não domina é covarde.

Helicópteros sobrevoam o Camboja, civis são atacados.

— Guerra suja.

O narrador diz que Kurtz não gostava de tropas convencionais e preferia grupos reduzidos de combate.

— É uma verdade. Foi um erro no Vietnã e no Araguaia usar tropas convencionais. Guerrilha se combate com guerrilha.

O filme mostra norte-americanos em bebedeiras e brigas, aviões jogando napalm na selva do Camboja, soldados atirando num barco civil. O Exército brasileiro jogou napalm, mistura de gasolina com resina, na *Operação Carajás*, preparatória para os combates no Araguaia.

— É uma tropa com poder de fogo superior ao dos vietconges, mas que se torna inferior com o desespero. Viu o lança-granada M79?

Uma família francesa resiste a deixar o Camboja e critica os comunistas, que teriam destruído o exército nacional.

— Viu o recado?

Kurtz pergunta a Willard: “Como chamam você soldado?”.

Curió diz:

— Que pergunta!

Willard é preso por Kurtz.

— Que lição!

“Até a selva queria vê-lo morto”, pensa Willard.

Curió silencia diante da cena das cabeças cortadas.

— Antes de eu vir para a Amazônia combater a guerrilha, o ministro da

Guerra, Orlando Geisel, me disse: “Não volte sem pegar o último deles”. Não entendo uma coisa. Por que me compararam a Kurtz?

Pergunto sobre a guerrilheira Áurea Eliza Pereira, morta aos 24 anos.

— Áurea era tão bonita, baixa, magrinha.

É um avanço ouvi-lo descrever a guerrilheira. Sempre negou tê-la visto. Continua negando a versão de que ela teria dito: “Me dê uma arma para eu mostrar como luta uma mulher”.

Não há nada mais difícil que convencer a falar um homem que enxerga no silêncio um tipo de arma.

São duas da madrugada.

— Sofro de insônia — diz Curió.

Silêncio.

— Está ouvindo latidos de um cachorro nos fundos? Agora parou. Voltou a latir. Às vezes fico horas pensando, sozinho. É pesado o que carrego nas costas. Meu problema não é com a esquerda. Tem muita gente envolvida. Não sou traidor. Preciso falar tudo para voltar a dormir. Mas falar sem citar nomes é covardia.

Ele fala baixo, o que dificulta a gravação. É preciso chegar mais perto.

— Uma parte das Forças Armadas está comigo, outra não aceita falar. É muito complicado. Tenho pacto com algumas pessoas. Depois que acabou tudo, eu disse: “Vamos fazer um pacto. Quem contar o que ocorreu morre. Se eu contar, vocês me dão um tiro”.

Faz uma pausa longa.

— Meu negócio é com a Justiça.

Os cães voltam a latir. Ele nunca teve cachorro em casa.

— Da última vez que esteve aqui, eu não quis conversa.

Novamente, ele permanece em silêncio por longo tempo.

— Está perto de contar o que tenho para contar. Quero escrever um livro que não fira, sem palavras grosseiras.

Fala de um relatório com os nomes de prisioneiros mortos.

— É uma história complicada. Um militar é o responsável pelos fatos descritos. Se eu soltar, vão me chamar de traidor.

Outra pausa.

— Um dia caiu um guerrilheiro. Durante almoço no acampamento militar, o comandante da operação, que não vou dizer o nome, me falou: “Você tem uma missão à noite”.

— O senhor se refere ao general Bandeira?

— Vou guardar essa.

O paraibano Antônio Bandeira comandou as tropas no Araguaia no primeiro ano do conflito. Tinha modos truculentos e medo de tomar banho no rio. Formado pela Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, logo após a Revolução de 1930, foi promovido a general no regime militar. Depois de atuar no Araguaia, chefiou a Polícia Federal.

— Quando estava escurecendo, o comandante mandou vestir a roupa do finado, percorrer a Grotta Vermelha, a oitenta quilômetros de Marabá, ir às casas disfarçado de guerrilheiro para saber quem ajudava a guerrilha. Botei a roupa, calça de brim e camisa de algodão mole. Fiquei num açaizal, tipo moita de bananeira, esperando a lua subir. Quando enxerguei o reflexo da lua nas árvores, fui à primeira casa. O cara abriu meia porta. Quando me viu, quis fechar. “Vai embora.” Insisti: “Me dá um pouco de farinha”. Ele pegou meio litro: “Toma, põe aí no bornal”. Voltei para a moita, onde esperei o dia. Apareceu um cachorro. Latia, latia. De manhã, veio um caminhão com tropa de Uberlândia, não era o pessoal que me resgataria. Deu um gelo. O comandante não tinha avisado da operação às unidades. Deitei atrás de um tronco apodrecido na beira do caminho. Ao passarem, os soldados olharam para a mata. Um deles bateu o olho no meu. A sorte é que a tropa era de recrutas. Levantei os braços. Os soldados engatilharam as armas. Um gritou: “Para... não atira!”.

— Qual a sensação de usar aquela roupa?

— Não batia.

— Não tinha sangue na roupa?

— Tinha na calça. É desagradável ficar num açaizal com cachorrinho latindo.

— Guerrilheiro capturado vivo era entregue ao comando?

— Vou citar no livro ano, mês, dia e hora das mortes.

— Quem matou Daniel Callado, preso aos 34 anos?

— Da minha mão posso garantir que ele não foi morto.

— O livro que escrevo terá depoimentos de seus adversários. Chamaram o senhor de assassino frio, decapitador. Ouvi testemunhas de sua luta a favor de posseiros no Paraná, antes da guerrilha.

— Você esteve no Paraná? Ao menos quem ler a parte da minha atuação lá terá dúvidas sobre mim.

Novo silêncio, dessa vez mais demorado.

— Depois de tanto tempo, não posso dar uma versão que seja contestada pelo primeiro tenentezinho que aparecer.

— Então, o senhor vai falar sobre a morte de Dinalva Teixeira, a *Dina*, morta aos 29?

— Eu já lhe contei como matei a *Dina* num combate.

— O depoimento não coincide com outros testemunhos.

— O que dizem?

— Viram a *Dina* presa. Não morreu em combate. Foi executada de forma covarde. O mesmo ocorreu com Luiza Garlippe, a *Tuca*.

— Não atirei. A *Dina* e a *Tuca* foram capturadas vivas. Um camponês revelou que escondia as duas. Elas queriam fugir da área. Combinei com ele o dia em que iria ajudá-las a sair do Araguaia. Fui com um tenente — sinceramente, não lembro o nome dele, uma hora ele vai aparecer — e o mateiro Arlindo Piauí, morador que tinha credibilidade e espalharia: “Curió pegou a *Dina*”. Ela era mito, virava borboleta. Eu e o tenente estávamos com pistola Colt .45. À meia-noite, ouvi um barulho na estradinha de cascalho... choc, choc, choc... à frente, vinha o homem que escondera as duas. Eu disse para o tenente: “Vou pular na baixinha, e você na loira alta”. Eu me joguei em cima da *Dina* e o tenente se jogou na *Tuca*. A *Dina* chegou a sacar a arma, revólver niquelado, com cabo de madrepérola. Eu tremia de malária. Presa, a *Tuca* me perguntou: “Quer que eu lhe ajude?”. “Não.” A *Dina*, com olhar imponente, quis saber quem eu era. “Sou o João Amazonas.” Ela tinha consciência de que era um mito. Pusemos algemas americanas, de náilon, nelas, que entraram na viatura. O motorista me chamou pelo nome. Só ouvi a *Dina* atrás dizer: “Hã...”. No caminho, outras viaturas se aproximaram, formando comboio. Teve festa

na base militar da Casa Azul, em Marabá. *Dina* pode não ter visto, mas ouviu da cela. Não estava grávida, como disseram por aí.

João Amazonas de Souza Pedroso, paraense de Belém, era o presidente do PCDob, partido que organizou a guerrilha no Araguaia.

Pergunto a Curió:

— Para quem o senhor as entregou?

— Nunca entreguei guerrilheiro sem a presença de testemunha. Eu não as matei. Não as vi mais. Quem deve falar sobre isso é o tenente-coronel que chefiava o Centro de Triagem e Informações.

O oficial citado é Léo Frederico Cinelli, de estatura baixa, loiro, olhar expressivo, fascinado por Platão. Ele não aceitou dar entrevista para este livro. Os nomes dos oficiais aqui citados foram levantados no confronto de informações de documentos e depoimentos.

— O comando da Casa Azul gerenciava as áreas sul, do Sarazal para baixo, operada pelos paraquedistas, e norte, para cima, operada por nós, tropas convencionais. No papel, quem mandava era Flávio de Marco, o doutor Caco, subordinado ao ministro do Exército, Orlando Geisel. De Marco era figura decorativa. Quem mandava mesmo era o oficial do Centro de Triagem, a ss, subordinado apenas ao general Milton Tavares, o Miltinho, do Centro de Informações do Exército. A ss tinha plenos poderes.

— O senhor foi pressionado por esse oficial do Centro de Triagem?

— Ele nunca me telefonou. Eu estava um dia na Casa Azul, quando ele me chamou. “Tenho uma missão para você. É a sua vez.” Um helicóptero estava parado na pista, com o piloto, que eu conhecia pelo apelido de Japonês, um sargento da Aeronáutica, o Mozart, o agente Ivan, os guerrilheiros *Raul*, *Simão* e *Lauro*, e um morador, *Carretel*, ligado à guerrilha.

— Qual era a situação física dos guerrilheiros?

— Barbudos, cabisbaixos.

— Estavam algemados?

— Estavam com os pulsos amarrados.

— Houve alguma reação de *Raul*?

— Ele me perguntou: “Qual é a missão?”. Eu respondi: “Vamos localizar uma área de depósitos de mantimentos”. Em menos de trinta minutos, desemos no sítio do Manezinho das Duas, posseiro que vivia com duas mulheres e servia de guia para o Exército. Era próximo à rodovia PA-70, atual BR-222, em

Brejo Grande, a noventa quilômetros de Marabá. Fomos para os fundos da casa do sítio. Agora, eles estavam sem algemas e sem venda nos olhos. Eu disse: “Sentem”. Sentaram no chão em fileira. Ouvimos um barulho na mata. Provavelmente outra patrulha do Exército, que não deveria estar ali, se aproximava. Houve tentativa de debandada. Foi quando abrimos fogo nos guerrilheiros. Naquele momento atingi *Raul* no peito. Todos atiraram. Lembro que *Carretel* recebeu tiros no lado esquerdo da barriga. Não gritaram porque não perceberam o momento em que erguemos as armas.

Em outra conversa, disse:

— Fazia o trabalho ou saía do Araguaia. Foi o pior dia da minha vida.

— Por quê?

— Talvez não houvesse necessidade de eliminá-los.

— O senhor pensa em algum guerrilheiro morto?

— *Edinho*.

— A família sofre até hoje com versões de que ele sobreviveu.

— *Edinho* está morto. Ele era um jovem idealista. Queria salvá-lo. Ele e o *Duda* caíram numa emboscada. Mesmo preso, *Duda* vivia rindo. Ele disse: “Sou tão novo para entrar nessa fria”. Um militar falou: “É novo mesmo que tu vais morrer”. *Duda* ria. Era muito brincalhão e extrovertido. *Edinho* era sério.

— O que os guerrilheiros disseram nos interrogatórios?

— O *Edinho* me contou que o Ângelo Arroyo, um dos líderes da guerrilha, pôs um facão em cima de um mapa e disse: “Vou sair para cá, porque tenho uma missão”. E mandou os dois para a área onde o Exército estava. Arroyo seguiu outro rumo. Era contrainformação. Os dois seriam presos e contariam qual o rumo tomado por ele.

Arroyo foi fuzilado menos de dois anos depois, aos 48 anos, no bairro da Lapa, em São Paulo. A única versão dele sobre o episódio está num relatório escrito em terceira pessoa: “[Arroyo] decidiu aproximar-se do local de referência com a CM [Comissão Militar], na esperança de que algum companheiro aparecesse. Foi junto com Zezim [Miqueias Gomes de Almeida], deixando *Edinho* e *Duda* juntos. A estes recomendou que, se encontrassem Piauí [Arlindo de Pádua Costa], avisassem de um encontro para os dias 1º e 15”.

— O senhor estava na Lapa?

— Curió é passarinho pequeno, só acompanhei o trabalho da Oban. Os órgãos de repressão eram interligados.

— Pelo menos na sua memória, o *Edinho* e o *Duda* ainda estão vivos.

— Vivos demais. Não durmo por causa dessas histórias. Não é remorso ou culpa. *Edinho*, um jovem calado, *Duda*, um piadista, não poderiam ter aquele fim. Eram jovens sem maldade. Me falaram que o *Edinho* ia para Brasília. Não foi. Quando soube que eles tinham sido mortos, fui lá falar com o chefe da ss. Foi minha briga com o tenente.

Leio para Curió trechos de trinta depoimentos de agricultores ao Ministério Público sobre atos de violência que teriam sido praticados por ele e outros militares. Após uma pausa, Curió fala:

— O Kurtz teve suas razões. Ele se revoltou contra a cúpula. Foi ao extremo. É matar, matar, matar. É o horror da guerra. Na época de Serra Pelada fui contra muita coisa. Estava indo do garimpo para Marabá quando o avião deu problema. O plano era seguir para Brasília, uma viagem longa, só que resolvi passar em Marabá. O avião estava baixo, foi minha sorte. A tampa do óleo estava aberta. Quiseram me eliminar. Mataram outros. O *Ivan* foi morto no Rio. Falou demais.

Ivan, codinome do agente Joaquim Artur Lopes de Souza, foi assassinado no Rio de Janeiro, anos depois da guerrilha, a pauladas.

Curió fala sobre o combate com Lúcia Maria de Souza, a *Sônia*, episódio que mais comenta nas entrevistas. Diferentemente de outros, não demonstra desconforto em lembrar que duelou com mulher.

— Uma vez neguei para você que *Sônia* recebeu tiro de misericórdia... Ela ainda suspirava na beira do igapó e dizia: “Deus, o que é isso, o que é isso?”.

No portão da casa, Curió diz:

— Os seguidores do Kurtz eram muito fanáticos, mas ficaram aliviados com a sua morte.

Após a conversa, na madrugada de lua quase apagada, caminho pelas escuras ruas de terra em direção ao hotel, novamente perseguido à distância por vira-latas. Os estampidos de tiros se confundem com latidos de cachorros abandonados pelos que deixaram o lugar depois do garimpo. Eles definharam à espera de seus donos, triste fim dos cães quando acaba uma guerra.